



Antigos Combatentes do Dominguiso

PERCURSO MILITAR

De : José Ramos Lopes

Início em : 1961

- ◆ Escola Prática Infantaria - Mafra ---- 2 Meses
- ◆ Centro Instrução de Milicianos ---- 2 Meses
- ◆ Escola Prática Infantaria ---- 6 Meses
- ◆ Regimento Infantaria 2 ---- 11 Meses

Embarcou para Moçambique em Março de 1963

- ◆ Permaneceu até Fevereiro de 1965 ----- 23 Meses

Total Serviço Militar – 44 Meses

- Foi furriel miliciano.
- Esteve no Namialo e Lourenço Marques



Antigos Combatentes do Dominguiso

PERCURSO MILITAR

De : *Joaquim Neves Freches*

Início em : 1970

- Regimento Cavalaria 7 – Lisboa --- 3 meses

Embarcou para Moçambique em 1970

- Regressou em 1972
- Companhia 2653 / Batalhão 2903
- Passou por Fingoa, Chipera, Chica e junto ao Rio Zamzebe
- Duração : 24 Meses
- Esteve em zona Operacional

Total Serviço Militar – 27 Meses



Antigos Combatentes do Dominguiso

PERCURSO MILITAR

De : Fernando Freches Matos

Início em : 1973

- ◆ Batalhão Caçadores 6 – Castelo Branco ---- 2 Meses
- ◆ GACA 2 – Torres Novas ---- 3 Meses

Embarcou para Moçambique em Junho de 1973

- ◆ Esteve em Tete e Vilagamito durante 18 Meses

Total Serviço Militar – 23 Meses

➤ 1º Cabo com a especialidade de artilharia auto aérea



Antigos Combatentes do Dominguiso

PERCURSO MILITAR

De : José da Cruz

Inicio em : 1959

- ◆ Regimento Infantaria 15 – Tomar ---- 3 Meses
- ◆ Regimento Infantaria Santa Margarida ---- 5 Meses
- ◆ Regimento Infantaria 15 – Tomar ---- 5 Meses

Embarcou para Moçambique em 1960

- ◆ Permaneceu até Outubro de 1963 – 30 meses

Total Serviço Militar – 43 Meses

- Foi 1º Cabo da Infantaria como atirador
- Foi instrutor dos recrutas de 1960 em Santa Margarida.



Antigos Combatentes do Dominguiso

PERCURSO MILITAR

De : José Lourenço Gil

Início em : 1959

- ◆ Santa Margarida ---- 3 Meses
- ◆ R. Infantaria 15 – Tomar --- 12 Meses
- ◆ Tancos --- 3 Meses
- ◆ Passou à disponibilidade em 1961

Embarcou para Moçambique

- ◆ Permaneceu em Moçambique até 1963
- Fez parte da companhia 1771
- Esteve em Nacala, Montepuez, Macomia e Lourenço Marques ---- 28 Meses

Total Serviço Militar – 46 Meses



Antigos Combatentes do Dominguiso

PERCURSO MILITAR

De : *José Varandas dos Reis*

Início em : 19~~60~~ (1970)

- RAL 1 – CICA 3 – Elvas ---- 3 Meses
- RAP 3 – Figueira da Foz --- 3 Meses
- RC 4 – Santa Margarida ---- 1 Mes

Embarcou para Moçambique em Fevereiro de 1972

- Regressou em Agosto de 1974
- Passou por Macomia/Cabo Delgado e Ribaué/Nampula
- Duração : 30 Meses

Total Serviço Militar – 37 Meses



Antigos Combatentes do Domínguiso

PERCURSO MILITAR

De: António Neves Freches

- ◆ Batalhão Caçadores 10 – Chaves ---- 6 Meses

Embarcou para Moçambique em 1962

- ◆ Permaneceu em Moçambique em 24 Meses
- ◆ Esteve em Lourenço Marques e Boawe
- ◆ Regressou em 1964

Total Serviço Militar – 30 Meses



Antigos Combatentes do Dominguiso

PERCURSO MILITAR

De : José de Jesus Gaspar

Inicio em : 1971

- ◆ Regimento de Infantaria 10 – Aveiro ---- 3 Meses
- ◆ R.A.L. 3 - Évora ---- 2 Meses

Embarcou para Moçambique em Maio de 1971

- ◆ Permaneceu durante 25 Meses

Total Serviço Militar – 30 Meses

- Em Moçambique esteve em Mucula e Messoma (distrito de Niassa)
- Zona operacional
- Foi louvado pelo comandante BART 3887 pertencente A companhia CART 3558 Angola esteve em Cabinda, Cachito e Luanda.



Antigos Combatentes do Dominguiso

PERCURSO MILITAR

De : *António Honório*

Início em : 1968

- Regimento de Infantaria 7 ---- 3 Meses
- Base Aérea 3 ---- 4 Meses
- Base Aérea 1 ---- 1 Meses

Embarcou para Moçambique em Maio de 1969

- Foi Polícia Militar
- Base Aérea 6 – 26 meses

Total Serviço Militar – 34 Meses



Antigos Combatentes do Domínguiso

PERCURSO MILITAR

De : Artur Salvador Gingão

- ♣ Regimento Infantaria 3 ---- 2 Meses
- ♣ Regimento Cavalaria 4 ---- 5 Meses

Embarcou para Moçambique em Fevereiro de 1972

- ♣ Regressou em Março de 1974 – 26 Meses

Total Serviço Militar – 33 Meses

do maioritários naquela Organização à medida que se iam tornando independentes, e ainda com a situação de guerra fria originada pelo conflito este-oeste dominado pelas duas superpotências: União Soviética e Estados Unidos da América, o problema colonial era um problema fundamental nas relações internacionais.

O problema colonial português começa com a Conferência de Berlim, no entanto o Ultimato Inglês já tinha sido um problema nos últimos tempos da Monarquia e primeiros tempos da República, de modo que nem uns nem outros sabiam muito bem o que fazer com as colónias. O rei D. Carlos seria dos poucos que sabia alguma coisa, pois queria entregá-las aos Ingleses, vendendo-as. Daí o terem sido constituídas algumas companhias majestáticas como a do Niassa e de Moçambique, que seriam companhias "público/privadas" através das quais Portugal abriu concursos internacionais em Berlim e em Londres, para quem quisesse comprar. No entanto, quem tinha interesses vitais naquela região do globo era a África do Sul.

Considera-se que há dois modelos de colonização e de colonialismo: o modelo Inglês e o modelo Francês. O colonialismo levado a efeito por Portugal é o modelo Francês. A colonização anglo-saxónica é completamente diferente da portuguesa. Nela os colonos estão subordinados à coroa inglesa, no entanto estabelecem parlamentos, formam partidos, organizam-se e tratam de governar a sua vida. Não têm metrópole para regressar, vão ter de se manter nas colónias, deixam de ser ingleses. A Inglaterra só intervém se tiverem crises que não sejam capazes de ultrapassar.

O panorama que nos é apresentado relativamente às guerras que se desenvolvem nas colónias portuguesas ou províncias ultramarinas, como passaram a ser denominadas, é que Portugal estava

a conduzir em África a sua política, no entanto isso não é de toda a verdade. O que estava a ser levado a efeito era a política da República da África do Sul. **Assim, as guerras são condicionadas pelos interesses dos países vizinhos, mas quer em Angola e Moçambique diretamente, quer na Guiné por reflexo, a política portuguesa nessas províncias é determinada em primeiro lugar pelos interesses da República da África do Sul.**

O problema colonial português começa com a Conferência de Berlim, no entanto o Ultimato Inglês já tinha sido um problema nos últimos tempos da Monarquia e primeiros tempos da República, de modo que nem uns nem outros sabiam muito bem o que fazer com as colónias.

A África do Sul era já, na altura das guerras coloniais, uma potência industrial do primeiro mundo. A sul do equador era a potência dominante dos sete territórios (nações), constituídos pela própria África do Sul, Namíbia, Angola, Moçambique, Rodésia do Sul, Zâmbia (antiga Rodésia do Norte) e Malaui (antiga Niassalândia). Os cinco primeiros, dominados à altura por brancos, constituem cerca de dois terços do território, ao passo que os dois últimos, já na altura independentes e governados por negros, perfazem o outro terço deste imenso território. Assim, o que na altura há são estas cinco entidades brancas lideradas pela África do

Sul, que tem todas as condições para ser de facto a potência liderante, (basta lembrar que a partir dos anos setenta é uma potência nuclear na produção de energia e com alguma ajuda de Israel poderia com facilidade produzir a bomba atômica, além de ter sido na África do Sul que se fez o primeiro transplante cardíaco pelo professor Christian Barnard) e dois países governados por negros, com uma influência muito limitada.

As estatísticas à época (1970/1971), revelavam que a República da África do Sul teria cerca de três milhões e quinhentas mil pessoas brancas, Angola teria cerca de cento e vinte mil, Moçambique cerca de quarenta mil e a Rodésia do Sul entre duzentas e cinquenta mil e trezentas mil (tendo esta última absorvido praticamente todos os indivíduos de raça branca vindos da Zâmbia e do Malaui, depois da sua independência).

A conferência de Berlim faz-se, fundamentalmente para dividir a África entre as potências industriais da Europa. Havia grande necessidade de matérias-primas para transformar, numa Europa que se tinha ela própria transformado radicalmente com a descoberta da máquina a vapor. O próprio fim da escravatura é uma consequência da descoberta da máquina a vapor, na medida em que com ela o trabalho humano torna-se dispensável em muitas situações. Portugal não tinha necessidade de muitas matérias-primas, visto que a sua industrialização era insipiente, limitando-se a comercializá-las internacionalmente.

Uma das razões porque Portugal vai para a guerra é porque era a única potência colonial, que simultaneamente era um estado rural. Essa circunstância fazia com que tivesse um problema sério quando começou a guerra, pois não fabricava praticamente nada do que precisava para a fazer.